



Breve histórico das transmasculinidades no Brasil no século XX e início do século XXI

Leonardo Farias Pessoa Tenório e Luciano Palhano (Luck Yemonja Banke)

O apêndice escrito por Richard Green no livro *The Transsexual Phenomenon* (BENJAMIN, 1966), *Transsexualism: Mythological, historical, and cross-cultural aspects*, faz um resgate histórico na literatura existente à época sobre a ocorrência de experiências de vida análogas à da transexualidade em períodos históricos passados e em várias sociedades humanas diferentes. No texto de Green, há uma referência ao trânsito de gênero em tribos indígenas dos povos originários brasileiros². Não sabemos se o relato fala de experiências de vida trans, homossexuais ou ambas, mas é importante conhecer:

Em algumas tribos brasileiras foram observadas mulheres que se abstinham de todas as ocupações femininas e imitavam os homens em tudo. Usavam os cabelos à moda masculina e ‘preferiam se deixar matar a ter relações sexuais com um homem. Cada uma dessas mulheres tinha uma mulher que a serviu e com quem se casou...’ [8, 32] (BENJAMIN, 1966, em livre tradução)

De acordo com o apêndice de Green, nós, pessoas trans, sempre existimos em todos os períodos históricos e em todos os continentes do mundo. E inclusive na mitologia de diversas sociedades (BENJAMIN, 1966). Assim como a vida animal é também diversa. Há o fenômeno natural da “mudança de sexo” no mundo animal (algumas espécies de peixes, galinhas, anfíbios). Os cavalos marinhos “machos” gestam e parem os bebês, enquanto as “fêmeas” inseminam. E há espécies que se reproduzem sem macho (dragões de komodo e outras).

Porém, nossa existência foi invisibilizada pela maior parte da sociedade por séculos. Em nosso país, o hegemônico sistema ideológico branco-ocidental-judaico-cristão materializou valores ao longo da história em que as categorias de gênero, heterocisnormativas e machistas, eram fundantes. Isso foi expresso nos valores da família patriarcal, da narrativa histórica dos “grandes homens” (esquecendo-se das mulheres) e da razão iluminista essencialmente branca e masculina. A partir desta visão de mundo, as mulheres (brancas) seriam mais sensíveis, emotivas e, portanto, mais

²Não são identificadas em quais etnias ou tribos indígenas, nem em qual período de tempo isso aconteceu.



irracionais. Ainda de acordo com esse sistema ideológico, mulheres negras e indígenas, a princípio, não ocupariam nem mesmo a categoria de “humanidade”. Homens trans e transmasculinos então sequer teriam o direito à existência.

O modo como as identidades trans são conhecidas hoje em nossa sociedade passou por uma captura colonizadora médica patologizante a partir do final do século XIX. Nossa construção de gênero culturalizou-se como sendo intimamente ligada à existência da disforia de gênero e da realização de modificações corporais através de tecnologias médicas (hormônios e cirurgias) e outras criadas por nós (coletes, packers). Hoje, a despatologização das identidades trans já é uma realidade no mundo, e boa parte da própria comunidade trans compreende que identificar-se enquanto trans não se deve necessariamente à disforia de gênero e a modificações corporais, nem ao desejo de ser igual a “homens cis”. Alguns trans sequer desejam injetar testosterona ou fazer cirurgias.

No século XX, parte dessa invisibilização social foi protagonizada pelos próprios homens trans de forma consciente, em especial antes da luta social organizada e da massificação da internet. Ser invisível era uma necessidade legítima de minimizar os riscos e situações de fato de violência física, sexual e psicológica e garantir outras coisas importantes, como manter o emprego ou ter o casamento aprovado pela família da cônjuge.

No final do século XX e início do XXI, havia um processo conhecido como *stealth*³, nome importado do exterior, em que pessoas trans realizavam sua transição de gênero corporal e nos documentos, e se exilavam em outro município onde não conheciam quase ninguém para viver uma vida nova como se fosse uma pessoa cisgênera, sem que soubessem de sua história de vida anterior. Assim viviam muitos homens trans até a primeira década dos anos 2000, socialmente inexistentes, invisíveis e isolados.

Não é difícil compreender o motivo pelo qual homens trans e outros LGBT mantiveram suas identidades ocultas para a sociedade na maior parte do século XX. Neste período, a população LGBT era qualificada como “anormal”, “amoral”, “anômala”, “mórbida” e “doente mental”, além de sofrer com a perseguição da

³ O nome fazia referência aos aviões *stealths*, que eram aviões furtivos, virtualmente invisíveis, criados durante os anos 1970, feitos especialmente para não serem detectados por radares.



sociedade e da polícia. Esta última chegava a fechar bares e boates de público LGBT e a aprisionar no sistema penal ou em delegacias pessoas trans por viverem no gênero de acordo com suas identificações.

Há pouco conhecimento produzido sobre a história dos homens trans⁴ brasileiros no século XX, mas temos alguns registros históricos. Existem várias notícias em jornais impressos de vários estados do país sobre pessoas que viveram experiências muito semelhantes às que hoje atribuiríamos como sendo de homens trans. Parte destas notícias jornalísticas foi resgatada pelo pesquisador cis Luiz Morando, publicada em artigos científicos ou cedida por e-mail para nós. Varias dessas notícias foram retiradas do acervo online da Hemeroteca Digital Brasileira⁵, disponibilizada pela Biblioteca Nacional, ou em acervos impressos de jornais. É importante informar que a seleção dos registros históricos incluídos neste texto não foi realizada após ampla pesquisa sob o rigor da metodologia científica, e sim escolhidos de forma intuitiva, a partir de casos apresentados por outras pessoas e através do conhecimento acumulado por experiência de vida ao longo dos anos. Os casos de homens trans/transmasculines noticiados em jornais do século XX são mais numerosos que os apresentados neste texto, e carecem de pesquisa maior.

Algumas destas notícias publicadas nos jornais no século XX relatam casos difíceis de identificar se há uma identidade trans em função do conjunto de informações repassadas. Alguns destes casos podem representar uma série de possibilidades diferentes às das transidentidades. Por exemplo, mulheres que incorporaram a identidade masculina no intuito de trabalharem e circularem livremente na sociedade; ou para repelir homens, já que não os desejavam; ou para casar com outra mulher e passarem para a sociedade a imagem de um casal heterossexual; ou simplesmente mulheres mais masculinas. Outras notícias deixam mais evidentes características semelhantes aos “estereótipos normativos” transmasculinos mais contemporâneos, ficando difícil não reconhecer nelas uma experiência de vida trans.⁶

⁴ Denominar “homens trans” pessoas que viveram antes dessa denominação ser difundida na sociedade é um anacronismo, mas utilizamos este termo aqui para facilitar o entendimento.

⁵ Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional: <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>.

⁶ É possível que nunca saibamos se personagens históricos/as como “Joana Darc”e “Papiza Joana/Papa João” foram homens trans, mulheres cis hétero, lésbicas, não binárias ou intersexuais. Há coisas que se perdem, mas talvez existam registros históricos, literatura ou estudos a respeito do assunto que precisem ser analisados.



Em quase todos os textos jornalísticos da primeira metade do século XX, as pessoas trans eram retratadas de modo sensacionalista, com títulos chamativos intencionalmente escritos para atrair atenção ao polêmico acontecimento da “mudança de sexo”, ou do reconhecimento público da existência de “mulheres” que “se passavam por homens” ou “queriam viver como homens” (e vice-versa) na sociedade. As denominações “transexual”, “homem trans” ou “mulher trans” não existiam no Brasil, e as pessoas trans eram frequentemente denominadas nos jornais impressos como “homem-mulher”, “mulher-homem”, “homem que virou mulher” e “mulher que virou homem”.

Na Belo Horizonte de 1917, tornou-se público o caso anunciado como de “mudança de sexo” de David Pereira Soares, que havia sido criado como pertencente ao gênero feminino. Segundo o médico David Corrêa Rabello, que realizou o procedimento cirúrgico em David Soares, este possuía genitália ambígua, demonstrando tratar-se de um caso de intersexualidade⁷. David Soares ganhou muita visibilidade nos jornais Diário de Minas e Correio da Tarde, às vezes noticiado com comentários exotizantes em forma de deboche, com sarcasmo e duplo sentido, às vezes com um tom mais respeitoso (MORANDO, 2012).

Soares aparentemente conseguiu um documento de identificação oficial com seu novo nome David e manteve-se numa carreira profissional respeitada para a sociedade na época. A história de Soares inspirou a peça teatral criada pelo escritor maranhense Coelho Neto, *O patinho torto*. Já o médico David Rabello realizou outros procedimentos cirúrgicos em pessoas intersexuais nos anos seguintes, vários os quais também foram noticiados pela imprensa mineira (MORANDO, 2012).

Temos igualmente a narrativa sobre o jovem Arlete Lins Barros, sem nome social, de Maceió (AL), noticiado em março de 1938 pelo jornal A Noite:

Arlete quer andar livremente em trajes masculinos (...) e procurar ocupação própria do sexo forte.

(...)Vê-la de chapéu de palha, sapatos brancos, cabelos aparados à masculina, cigarros entre os dedos, paletó de ombreiras, gravata, é pensar mesmo seja homem.

⁷ Intersexuais que foram designados mulheres ao nascer foram criados como meninas e posteriormente passaram a se identificar no gênero masculino; muitas vezes (antes do ativismo intersexual surgir no país), se identificam como pertencentes à comunidade de homens trans e sempre foram considerados pelo grupo como parte dele.



Arlete nunca usou roupas femininas, começando de muito pequena a usar pijama. Nunca brincou com bonecas. Gostava sempre de um cavalo de pau e brinquedos próprios para meninos.

(...) Fala de coisas sérias, comércio, esportes, trabalhos do campo, indústrias e sempre que se refere ao seu Estado, da falta de liberdade que tem de viver à sua custa, trabalhando para se manter e ainda ajudar a seus pais, demonstra certo desgosto de ter nascido mulher. (A NOITE, 1938)

Ainda em 1938, temos o caso do trans de apelido “Pilotinha” em Recife, noticiado pelo Jornal do Recife:

A menina que quer ser homem...

Além de pensar como qualquer rapaz de 16 anos, “Pilota”, como é mais conhecida, veste uniforme de homem; fuma e pratica todos os sports do sexo masculino

(...)

No Pina de Dentro, logarejo que fica a dois kilometros e meio do terminal da linha do bonde do Pina, existe uma mocinha de seus dezeseis annos, que desde a infancia tem vivido como homem, nos actos, idéas e principalmente no traje. Trata-se da menor Maria do Carmo Alves, apellidada “Pilota” ou “Pilotinha”, na intimidade.

INCLINAÇÃO PARA HOMEM

(...)

Contou-nos sua tia que a “menina” tem essa inclinação para homem, desde a mais tenra infancia e de uns annos para cá seus actos e gestos dão a perceber uma característica acentuadamente masculina. (JORNAL DO RECIFE, 1938)

Em 1952, foi noticiado de forma expressiva pelos jornais Folha de Minas, Diário de Minas e Estado de Minas o caso de Custódio de Jesus Correia, de Silvianópolis (MG). Pelas informações relatadas nestes jornais, também se tratou de um caso de intersexualidade como o de David Soares. Custódio foi a inspiração do cordel “*A mulher que virou homem no estado de Minas Gerais*”, do cordelista alagoano João Pauferro da Silva.



(CENTRO NACIONAL DE FOLCLORE E CULTURA POPULAR, 2020)

Descrição de imagem: a imagem mostra a capa de um cordel intitulado “A mulher que virou homem no Estado de Minas Gerais”. A capa mostra a imagem de uma pessoa usando saia e uma camisa de manga curta e segurando uma bolsa; a pessoa está de barba e tem cabelo curto e está segurando uma arma. A parte direita da capa mostra um trecho do cordel.

Em 1959, a revista O Cruzeiro publicou a respeito de Mário da Silva, de Itajaí (SC). Ele foi submetido a cirurgias, com detalhes não informados, pelo médico José Eliomar da Silva.

E Maura foi internada no moderno e bem instalado Hospital de Itajaí. Entrou de cabelos compridos, vestido estampado e sapatos altos. Submeteram-na a duas cuidadosas operações. Quando saiu, vestia calças compridas, camisa listrada, cabelos aparados e quando havia a apresentação a alguém, dizia:

– Muito prazer, Mário da Silva ao seu dispor. (SILVA, 1959)

De volta a 1952, o mineiro Edmundo de Oliveira foi alvo de matéria no jornal Diário da Tarde por se relacionar conjugalmente com uma mulher cis cujo ex-marido havia registrado uma denúncia na delegacia em função do pedido de separação de sua



até então esposa para viver “com outra mulher”. A “outra mulher” era o Edmundo, ainda conhecido como Feliciano Campos de Oliveira. Duas décadas depois, na ocasião do seu falecimento, médicos, ao examinarem o corpo, descobriram que aquele homem não tinha nascido no sexo biológico “masculino”. E, em 1981, foi também noticiada pelo jornal Diário da Tarde a reação de surpresa da sociedade sobre a identidade de Edmundo (MORANDO, 2016):

Edmundo de Oliveira, 67 anos, rondante de uma loja de venda de veículos (onde trabalhava desde junho de 1975), tivera um ataque cardíaco fulminante durante seu turno de trabalho. Levado ao hospital, não resistiu e faleceu. Não havendo mais o que fazer, seu corpo começou a ser preparado, provocando profunda surpresa entre os funcionários do hospital: era uma mulher. Dois dias depois, dois primos fizeram o reconhecimento do corpo de Edmundo como o de Feliciano. (MORANDO, 2016)

Na ficção, a obra *Grande Sertão: Veredas*, de 1956, do escritor João Guimarães Rosa, é narrada em primeira pessoa pelo personagem jagunço Riobaldo e inclui um personagem masculino, também jagunço, Diadorim, cujo sexo biológico feminino é revelado apenas no final do livro. Riobaldo possuía uma atração amorosa e romântica por Diadorim, mesmo sem saber de sua identidade (trans). No livro de Rosa, não há problematizações ou suspeitas sobre a identidade trans de Diadorim nem o que ele pensava sobre si mesmo (MOIRA, 2018).

E, em 1961, o músico paraibano Jackson do Pandeiro gravou em seu disco “*Ritmo, Melodia e a Personalidade de Jackson do Pandeiro*” a música “*A mulher que virou homem*”⁸, samba composto em parceria com Elias Soares (WIKIPEDIA, 2020). Nossa pesquisa não identificou o caso específico do qual a música teve inspiração, mas provavelmente deve-se a uma das notícias publicadas nos jornais brasileiros.

(...)

Minha mulher apesar de ter saúde

Foi pra Hollywood, fez uma operação

Agora veio com uma nova bossa

Uma voz grossa que nem um trovão

Quando eu pergunto: o que é isso, Joana?

Ela responde: você se engana

Eu era a Joana antes da operação

⁸ Disponível no YouTube: <<https://www.youtube.com/watch?v=5hbRBR3bUds>>.



Mas de hoje em diante meu nome é João
Não se confunda nem troque meu nome
Fale comigo de homem pra homem
(...) (DO PANDEIRO & SOARES, 1961)

As notícias nos jornais a respeito de homens trans ou transmasculinos, a existência de menções na literatura popular⁹ ou clássica, na música e nos jornais foram muito pouco para que houvesse o reconhecimento da sociedade brasileira à existência dos homens trans. Inclusive, tenhamos consciência de que a maior parte do Brasil durante o século XX não era alfabetizada.

No entanto, homens trans existiram em todo o Brasil todo este tempo, mesmo sem se anunciarem trans, usarem testosterona ou feito cirurgias. É possível conversar com idosos hoje em dia e alguns deles falarão da existência de “pessoas do sexo feminino” que adotaram comportamento e aparência mais dentro do estereótipo do gênero masculino nas décadas passadas, muitas vezes sendo considerados como lésbicas muito masculinas. Na atualidade, existem homens trans idosos em todo o país que não passaram por esse processo de assunção social de uma identidade trans, nem foram capturados pela patologização psiquiátrica e não utilizaram tecnologias de modificação corporal. Às vezes esse deslocamento de gênero sem a anunciação de uma identidade trans ocorreu de forma pública, às vezes de forma secreta.

Como exemplo deste tipo de situação, temos o Lourival Bezerra de Sá, de Campo Grande (MS), que viveu como homem por mais de 40 anos, entre parentes e vizinhos que apenas descobriram que ele se tratava de um homem trans após sua morte, em outubro de 2018. O caso foi bastante noticiado na mídia, inclusive no programa televisivo Fantástico, da Rede Globo. O corpo de Lourival apenas foi sepultado meses após o óbito, quando, através de autorização da justiça, seus documentos foram oficializados com o nome masculino (MARTINELLI, 2019).

Em 1982, o jovem poeta Anderson Herzer, nascido no Paraná, mas residente em São Paulo – conhecido pelo apelido “Bigode” –, teve publicado o livro autobiográfico *A Queda para o Alto*. O livro traz vários poemas e um longo depoimento das várias faces da marginalidade à qual Herzer foi empurrado pela sociedade, entre assédios, orfandade,

⁹ Também há outro cordel intitulado “A mulher que virou homem no sertão da Paraíba e casou-se”, de registros não encontrados por esta pesquisa.



abandono, maus tratos, alcoolismo, e a internação numa casa de detenção para menores infratores. Entretanto, menciona também coisas positivas, como a paixão pela poesia, seus primeiros amores, o respeito alcançado pelas pessoas de seu convívio e o apoio do então deputado estadual Eduardo Suplicy para sua reinserção na sociedade, como um jovem trabalhador.

Infelizmente, Bigode foi *suicidado* aos vinte anos pulando do viaduto 23 de maio em São Paulo em 1982, antes de *A queda para o alto* ser publicado, ficando clara para nós a motivação poética do título do livro. A sexualidade e o gênero dele, no entanto, não possuem papel central na obra. Há depoimentos breves, porém marcantes, bastante semelhantes às experiências vividas por vários transhomens:

De outro lado, sempre, desde a minha infância, eu tive jeito de menino, chegando inclusive, numa festa familiar, a ser confundido com um garoto. Dentro de mim tinha um grande desejo de ter nascido menino.

(...)

Acabou-se meu castigo, eu comecei a ser conhecido como um garoto, lá dentro; todas as meninas passaram a me tratar bem, a me ouvir e, muitas vezes, até a respeitar minhas decisões. (HERZER, 1982)

Dois anos depois, o carioca João W. Nery¹⁰, atualmente conhecido como o homem transexual brasileiro a ter passado por cirurgias e terapia hormonal há mais tempo, ainda na década de 1970, lança o livro *Erro de Pessoa: Joana ou João?*, também autobiográfico. Ao contrário de Bigode, o livro do João é centrado em suas vivências íntimas de gênero. Ele leva o leitor para dentro de seu mundo expondo com detalhes cada etapa da vida de um homem transexual daquele tempo: viver uma vida dupla com uma identidade de “mulher” e outra de “homem”, a rejeição e posterior aceitação de seus familiares, seus casamentos, a “criação clandestina” de um registro civil com seu nome masculino e as consequentes perdas de seu histórico escolar e suas profissões de psicólogo e professor universitário (NERY, 1984).

Após descobrir a possibilidade da realização de cirurgias transexualizadoras, João batalhou anos para realizá-las. Procurou psicólogos e psiquiatras que pudessem lhe fornecer um laudo com o diagnóstico de “transexualismo”, endocrinologistas para fazer uso da testosterona – quando isso ainda era bastante experimental –, e cirurgiões que

¹⁰ “João W. Nery” foi um pseudônimo criado pelo escritor, que acabou adotando a identidade pública de “João Nery”, apesar de ter possuído outro nome masculino em seus documentos.



pu dessem lhe operar quando estas cirurgias ainda eram consideradas ilegais no Brasil (NERY, 1984).

Em 2011, depois de incluídos os acontecimentos posteriores a 1984 da vida do João W. Nery – inclusive a experiência da paternidade –, o livro *Erro de Pessoa* foi reeditado e lançado sob o título *Viagem Solitária: Memórias de um transexual trinta anos depois* (NERY, 2011). A maior parte da vida do João é um “caso clássico” de transexualidade vivida na ótica da heterocisnormatividade. Mas o João mudou bastante desde antes da publicação do seu segundo livro, provavelmente em função do contato com as teorias de gênero e o diálogo com outros trans ativistas, pessoas trans e acadêmicos. O que veio de muito bom com essa republicação de seu livro foi uma grande visibilidade trazida aos homens trans, pois o João passou a aparecer muito na televisão, nas universidades e na internet. Depois de mais de trinta anos ocultando sua identidade de todos (até de seu filho), João “saiu do armário” para lutar pelos direitos dos homens trans, num contexto social totalmente diferente de 1984.

Ele viajou quase o Brasil inteiro fazendo o lançamento de seu livro e realizando palestras. Chegou a ser homenageado pela Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT) como doutor *honoris causa* (UFMT, 2018) e recebeu postumamente uma carteira profissional do sistema de Conselhos de Psicologia, entregue à sua viúva no Rio de Janeiro (CFP, 2020). E foi homenageado tendo seu nome dado ao ambulatório de atendimento à saúde trans de Niterói (RJ). João Nery somente parou de lutar pela visibilidade trans e sensibilização da sociedade ao ser acometido de um câncer de pulmão, que causou seu falecimento em 2018.

No início dos anos 2010, não era fácil listar características comuns entre os homens trans além do desejo da mastectomia e do uso da testosterona. As pessoas não sabiam que nós existíamos, nem mesmo as mulheres trans e travestis, muitas vezes nem as próprias ativistas. A sociabilidade entre nós mesmos era tão rara que conseguir reunir um número de três homens trans era algo que só conseguíamos uma vez ao ano. Não conhecíamos nem uns aos outros. Não havia repertório simbólico para explicar ou expressar nossa subjetividade. Muitos de nós vivíamos sufocados e éramos completamente invisíveis.

Naquele momento histórico e cultural, ser homem trans, em geral, não era visto como uma coisa positiva pelos próprios homens trans. Muitos tinham constrangimento



em ter que explicar que eram transexuais (alguns diziam que eram intersexuais sem serem de fato), tinham vergonha por não terem nascido com um pênis, e não sentiam orgulho de ser trans em função da transexualidade ainda ser considerada uma doença mental e naquela época não existirem discursos de resistência em contraposição a essa patologização psiquiátrica.

A denominação mais comum alcançada por certa classe média de homens trans que tinham acesso à internet, pesquisas científicas e médicos era o “FTM”, sigla da expressão em inglês “*female-to-male*”, que significa “transexual de fêmea para macho”. “FTM” era utilizado em sites voltados para o público trans na Europa, nas Américas e na Ásia. Entretanto, “FTM” é uma expressão que não agrada ao politicamente correto da desconstrução da cisnormatividade. No Brasil, com o tempo, a denominação FTM caiu em desuso e passaram a prevalecer em nossa linguagem as denominações “homem trans/transsexual” ou “transhomem”.

A maior parte das informações na internet sobre homens trans estava em inglês, muita coisa dos EUA, Canadá, Europa, Austrália, mas também havia sites (e ativismo) em espanhol de países da América Latina como México, Chile, Argentina e Colômbia. Até hoje utilizamos as palavras em inglês “*packer*” (objeto para fazer volume na região genital) e “*binder*” (colete compressor para ocultar as mamas), herança da “cultura FTM” importada do exterior. Em nosso país, na internet aos poucos fomos criando blogs, sites e fóruns. Havia informações produzidas por homens trans nos blogs Transhomem Brasil¹¹ e FTM Brasil, no site também de nome FTM Brasil¹², num grupo de e-mails do Yahoo (FTM Brasil) e algumas comunidades no Orkut¹³ de homens e mulheres transexuais (“Disforia de Gênero”, “F64.0” e “Transexuais MTF e FTM”). No Orkut e no Facebook, foram criados por nós grupos exclusivos de homens trans. No Facebook, o primeiro e principal grupo foi criado por Vincent Masaki (MG) e Pietro Augusto (PR).

A internet naquele momento foi a principal plataforma para troca de experiências e informações, serviu como ferramenta de sociabilização dos homens trans, empoderamento, criação de redes de apoio e sensibilização da sociedade cisgênera. Estes espaços virtuais serviam para suprir a demanda de informações sobre cirurgias,

¹¹ O autor do blog era do Rio de Janeiro e se identificava com o nome de Gabriel.

¹² O autor do site era um homem trans brasileiro que vivia no exterior.

¹³ Rede social mais comum utilizada no Brasil na década de 2000, anterior ao Facebook.



uso de testosterona e de tecnologias para ocultar as mamas, técnicas para criar um volume na região genital, urinar em pé, uso e compra de próteses penianas, o contato e endereço dos poucos serviços de saúde ou advogados que atendiam transexuais, além de compartilhar fotos de mudanças físicas decorrentes da terapia hormonal e das cirurgias realizadas.

Logo após o surgimento dos grupos virtuais exclusivos de homens trans, houve um período de estranhamento. As conversas dos homens trans giravam apenas em torno de testosterona, *pack*, *binder* e mastectomia. Quase nenhum dos homens trans falava de suas relações sociais precárias ou das situações em que sofriam preconceito, e alguns não se identificavam com narrativas daquela época nos espaços virtuais. Isso mudou com o tempo. Após o surgimento do movimento transmasculino organizado, ainda que pequeno, aos poucos os assuntos da internet tornaram-se mais politizados. Nery & Maranhão Filho (2013) relatam com mais detalhes os conteúdos nas discussões virtuais e escritas dos homens trans.

Havia alguns documentários produzidos sobre homens trans que naquela época eram os únicos registros audiovisuais com depoimentos nossos. Alguns dos primeiros foram “*O corpo conforme*” (Andreas Maurício Boschetti/SP, Lukas Berredo/emigrante e Laurent Lampert), “*Eu sou homem*” (Alexandre Peixe/SP, Régis Vascon/SP e Nei/SP), “*Entre lugares: a invisibilidade do homem trans*” (com Leonardo Tenório/PE e Luciano Palhano/PE), “*Eu te desafio a me amar*” (Marcelo Caetano/DF), “*Olhe para mim de novo*” (Sillvyo Lucio/CE). Depois, diversos outros documentários foram produzidos. Leo Moreira Sá (SP) fazia um trabalho dentro do teatro problematizando questões de gênero e visibilizando sua transmasculinidade através da peça *Lou & Léo*, que viajou vários estados.

Nos espaços acadêmicos, o primeiro artigo sobre homens trans no Brasil foi publicado pelo homem trans, professor e assistente social carioca Guilherme Almeida (ALMEIDA, 2012). Podemos destacar, além do Guilherme Almeida, o André Lucas Guerreiro (PR), Edu Cavadinha (DF), Benjamin Neves (RJ), Leonardo Peçanha (RJ), Victor Augusto (MG) e Leonardo Tenório (PE) como homens trans pensando as transmasculinidades dentro da ciência no início dos anos 2010. Muitos outros homens trans e transmasculinos foram surgindo na esfera da produção de conhecimento ao longo dos últimos anos, número que continua a se atualizar.



Além dos textos, sites e blogs, grande parte da popularização das histórias de vida dos homens trans é devida aos videologs de homens trans no YouTube, fenômeno que ocorreu no mundo todo. Fora do Brasil, a quantidade de vídeos produzidos por homens trans sempre foi muito maior. Para trazermos mais detalhes e informações precisas sobre o impacto e conteúdo dos videologs, seria necessária uma pesquisa maior. O pesquisador e professor trans Benjamin Neves (2015), em sua dissertação, exemplifica como estas produções audiovisuais no YouTube funcionam como uma potente ferramenta de apoio entre os próprios pares, a partir do contato com o até então youtuber Victor Summers (BA), que inclusive teve um canal também com Miguel Marques (BA).

Neste ponto, podemos destacar que a estratégia dos homens trans de assumirem a liderança na produção de discursos sobre si mesmos, se colocarem no lugar de formadores de opinião sobre a identidade social dos homens trans foi bastante eficiente. Isto foi um catalizador da geração de empatia e alteridade para nossas questões psíquicas e sociais.

Em concordância quase total com Simone Ávila (2014), Rafaela Freitas (2014) e Benjamin Neves (2015), podemos afirmar que o processo de emergência de nosso segmento populacional no Brasil deu-se por vários fatores e de forma multicêntrica:

- A construção histórica de trinta anos de movimento LGBT no Brasil e a criação e execução de políticas públicas voltadas para a inclusão social da população LGBT nas três esferas de poder em grande parte nos governos de partidos políticos que se denominavam de esquerda;
- A liberação e regulamentação de cirurgias em transexuais pelo Conselho Federal de Medicina (CFM) através da Resolução nº 1.632/1997. E a posterior liberação das cirurgias de mastectomia e hysterectomia em homens transexuais do caráter experimental através da Resolução nº 1955/2010 do CFM;
- A criação do Processo Transexualizador em 2008, fazendo com que as equipes credenciadas viabilizassem um espaço de convergência social de homens trans uns com os outros e com as mulheres trans e travestis;
- A publicação e visibilidade midiática da autobiografia de João W. Nery, o livro *“Viagem Solitária: Memórias de um transexual trinta anos depois”*;



- A produção de notícias jornalísticas (jornais impressos, revistas, sites de notícias) e no audiovisual (jornalismo televisivo, séries, filmes e documentários) que foram dando visibilidade cada vez mais à nossa população;
- A popularização da internet que ocorreu no final da década 2000 e início da década 2010 serviu como ponte para contatar os homens trans de todo o país, proporcionando a organização de sites, blogs, fóruns, videologs, páginas, grupos e comunidades de homens trans.
- O crescimento dos estudos e pesquisas no campo de gênero e sexualidade (mais nas ciências humanas e nas ciências da saúde) que passaram a voltar-se fortemente às pessoas trans; junto com o apoio dado ao movimento e população trans pelos pesquisadores, professores e alunos, na construção do nosso lugar de fala e pesquisas sobre nossas vulnerabilidades, políticas públicas e legislação.
- A emergência de um movimento social de homens trans organizado após a II Conferência Nacional de Políticas Públicas de Promoção da Cidadania LGBT em 2011, a criação da Associação Brasileira de Homens Trans (ABHT) e a posterior criação do Instituto Brasileiro de Transmasculinidade (Ibrat).

Mais detalhes sobre o surgimento de um movimento social de homens trans e transmasculines no Brasil foi narrado por Palhano & Tenório (2021) em outra publicação.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Guilherme Silva de (2012). *'Homens trans': Novos matizes na aquarela das masculinidades?* Estudos Feministas, 20 (2): pp. 513-523.

A NOITE. *Quer Licença Para Ser Homem!* Jornal A Noite, Maceió (AL), 20 de março de 1938, p. 14. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>. Acesso em 23 ago. 2020.

ÁVILA, Simone Nunes. (2014) *FTM, transhomem, homem trans, trans, homem: A emergência de transmasculinidades no Brasil contemporâneo*. 243p. Tese (Doutorado)



– Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

BENJAMIN, Harry. *The transsexual Phenomenon*. Nova York (EUA): The Julian Press, Inc. Publishers, 1966.

CENTRO NACIONAL DE FOLCLORE E CULTURA POPULAR, 2020. *C2500 a C2999\C2793 - A Mulher Que Virou Homem No Estado De Minas Gerais*. Disponível em: <http://acervosdigitais.cnfcp.gov.br/Literatura_de_Cordel_C0001_a_C7176>. Acesso em 23 ago. 2020.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. *CFP participa de evento do CRP-RJ em memória a João W. Nery, psicólogo e ativista trans*. 28 de janeiro de 2020. Disponível em: <<https://site.cfp.org.br/cfp-participa-de-evento-do-crp-rj-em-memoria-a-joao-w-nery-psicologo-e-ativista-trans/>>. Acesso em: 24 ago. 2020.

DO PANDEIRO, Jackson; SOARES, Elias. *A mulher que virou homem*. Intérprete: Jackson do Pandeiro. Compositores: Jackson do Pandeiro e Elias Soares. Álbum: Ritmo, Melodia e a Personalidade de Jackson do Pandeiro. Gravadora Philips, 1961.

FREITAS, Rafaela Vasconcelos (2014) *Homens com T maiúsculo. Processos de identificação e construção do corpo nas transmasculinidades e a transversalidade da internet*. 121p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

HERZER, Anderson. *A queda para o alto*. Petrópolis: Vozes, 1982.

JORNAL DO RECIFE. *A menina que quer ser homem...* Jornal do Recife, Recife (PE), 5 de janeiro de 1938, nº 134, p. 1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>. Acesso em 23 ago. 2020.

MARTINELLI, Andréa. *Juiz determina que Lourival Bezerra seja enterrado com identidade masculina*. Huffpost, 13 de março de 2019. Disponível em: <https://www.huffpostbrasil.com/entry/lourival-justica-enterro-homem_br_5c89667ce4b038892f4a0424>. Acesso em: 24 ago. 2020.

Disponível em: <<https://www.campograndenews.com.br/lado-b/comportamento-23-08-2011-08/-lourival-viveu-como-homem-e-assim-deve-ser-identificado-diz-pesquisador>>.



MOIRA, Amara. *Monstruoso corpo de delito: personagens transexuais na literatura brasileira*. Suplemento Pernambuco, 10 de dezembro de 2018. Disponível em: <<https://www.suplementopernambuco.com.br/artigos/2198-monstruoso-corpo-de-delito-personagens-transexuais-na-literatura-brasileira.html>>. Acesso em: 24 ago. 2020.

MORANDO, Luiz (2012). “*Miloca que virou David*”: *intersexualidade em Belo Horizonte (1917-1939)*. Bagoas, n. 08: pp. 147-169.

MORANDO, Luiz (Luiz Morando). *Post no Facebook*. Belo Horizonte: 14 de julho de 2016. Disponível em: www.facebook.com/luiz.morando/posts/574118336127139 Acesso em: 22 ago. 2020.

NERY, João; MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de Albuquerque. *Transhomens no ciberespaço: micropolíticas das resistências*. In: MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de Albuquerque (Org.). (In)Visibilidade Trans 2. História Agora, v. 16, nº 2, p. 139-165, Dossiê (In)Visibilidade Trans 2, São Paulo, 2013.

NERY, João; MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de Albuquerque. *Transhomens no ciberespaço II: biopolíticas nos transhomens*. Revista História Agora, v. 16, nº 2, Dossiê (In)Visibilidade Trans 2, São Paulo, 2013.

NERY, João W. *Erro de pessoa: Joana ou João?* Rio de Janeiro: Record, 1984.

NERY, João W. *Viagem Solitária: memórias de um transexual trinta anos depois*. Rio de Janeiro: Leya, 2011.

NEVES, Benjamin Braga de Almeida (2015) *Transmasculinidades e o Cuidado em Saúde: Desafios e Impasses por Vidas Não-Fascistas*. 132 p. Dissertação (Mestrado em Clínica Médica) – Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

PALHANO, Luciano (Luck Yemonja Banke); TENÓRIO, Leonardo Farias Pessoa. *Transmasculinidades no Brasil: memórias de um movimento da invisibilidade à luta*. In: Instituto Internacional sobre Raça, Igualdade e Direitos Humanos; Revista Estudos Transviades. *A dor e a delícia das transmasculinidades no Brasil: das invisibilidades às demandas*. Orgs.: Bruno Pfeil e Kaio Lemos. Rio de Janeiro: Instituto Internacional sobre Raça, Igualdade e Direitos Humanos, 2021.



SILVA, Arlindo. *Maura Maria virou Mário*. O Cruzeiro, Rio de Janeiro, 1959, nº 16, pp. 65-67.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MATO GROSSO. Conselho Universitário. *Resolução nº 17/2018, de 22 de agosto de 2018. Aprova a outorga do título de Doutor Honoris Causa a João Walter Nery*. Cuiabá: Conselho Universitário, 2018. Disponível em: <<http://sistemas.ufmt.br/ufmt.resolucao/FrmConsultarResolucao.aspx>>. Acesso em: 24 ago. 2020.

WIKIPEDIA, 2020. *Ritmo, Melodia e a Personalidade de Jackson do Pandeiro*. Link: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ritmo,_Melodia_e_a_Personalidade_de_Jackson_do_Pandeiro>. Acesso em: 20 ago. 2020.